

Antonio Carneiro
1911-XI

ESTHER—(Desenho de Antonio Carneiro)

N.º 305 Lisboa, 25 de Dezembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno. 48800—Semestre, 28400—Trimestre. 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Com-
posição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Porque razão gosam de tanta fama

OS

COMPRIMIDOS "BAYER" DE ASPIRINA?

1). Pela sua multiplicidade de indicações como:



Dôres de cabeça	Influenza
Dôres de dentes	Resfriamentos
Nevralgias	Rheumatismo
	Colicas menstruaes

2). Pela falta absoluta de efeitos secundarios, como acontece com os salycilatos, a morfina e outros medicamentos.

**EXIGIR SEMPRE
EM TODA A PARTE**

OS

COMPRIMIDOS "BAYER" DE ASPIRINA

O Museu Keil

OS INSTRUMENTOS-DE-MUSICA.



Uma tarde na feira da ladra, ao esquadrihar montões de papelada, mostraram-nos um homem de barba loira, todo curvado para uma ruma de missaes. Era Alfredo

Keil, o autor da *Portuguezia* que tão inspiradamente escreveu enquanto

rugiam nas ruas as multidões esbofeteadas pelo *ultimatum*; o pintor colorista de talento, o artista glorioso cheio de aniedades e devotado a todo o ineditismo das artes. Além d'um grande artista, o maestro

autor da *D. Branca* e da *Serrana*, era tambem um curioso colecionador e na sua casa da Avenida da Liberdade deixou um verdadeiro museu de raridades que o Estado pensa em adquirir. Não se imagina facilmente o que ha n'essa galeria já famosa. São vestuarios, caixas de rapé, coisinhas d'outras edades que maraviham, leques que chamam a atenção e nos recordam lindas mãos de sécias que com elles se abanaram, por detraz d'elles sorriram e ocul-taram rubores, que com elles fizeram essa imaginosa linguagem de amor, os sinaes, que vão desde o mover dos labios no abrir e fechar d'um leque, á maneira de colocar uma flôr.

Destacando, porém, no meio de tudo isto está a coleção magnifica d'instrumentos musicos, verdadeiras raridades, que o artista ali conseguiu juntar afrontado pela pobreza d'aquelles artigos nos nossos museus nacionaes.

Quiz ele preencher essa lacuna; quiz apresentar aos curiosos e aos investigadores os velhos instrumentos que pou-



1—Alfredo Keil

2—Pequeno órgão portatil século XVI
3—Kanon psalterio arabe 4—Viola de braccio fabricada em 1508 por Nicolaus Constantini



de colecionar, alguns na verdade cheios de interesse e de valor.

Keil organisou tambem um catalogo do seu museu. Não esqueceu coisa alguma, deixou tanto quanto possivel completa a obra que sendo d'um particular bem merece figurar n'um museu do Estado, n'uma secção de Belas Artes ou n'um anexo ao Conservatorio, visto não se poderem fazer uns museus como os de Munich, Berlin ou Nuremberg. Com o que existe no Arsenal do Exercito, os velhos instrumentos musicos das antigas bandas regimentaes, e com o que Alfredo Keil adquiriu já alguma cousa se poderia realizar.

Era necessario tambem juntar alguns manuscritos musicos e o maestro muitos possuia, os quaes se poderiam ligar com as raridades da biblioteca d'Ajuda.

Como se sabe na Casa de Bragança houve musicos rasoaveis, amadores de valor e entre eles D. João IV que compoz até alguns trechos e D. José que se encantava ouvindo as cantatas de Peres e de Jomeli consagrando-se até no painel da sala da musica de Queluz esse gosto do sobera-

no. Eram colecionadores de papeis musicaes; enchiam bibliotecas e, sem o terramoto, no paço da Ribeira se poderiam ter encontrado mais raros documentos do que os existentes em Ajuda.

Agora, que naturalmente, se vae desmembrar a biblioteca real, seria a occasião de pensar n'isso a valer.

A historia do instrumento a travez das edades se não se pôde fazer com os exemplares que estão no museu Keil d'uma maneira completa tem pelo menos ali valiosissimos subsidios.

O maestro, ao cabo d'algum tempo, começou a catalogação d'esses objectos dividindo-os d'uma maneira pratica conforme se depreende do seu catalogo. Na maioria são raridades.

Na primeira secção pôz os instrumentos de corda dividindo-os em quatro secções: aqueles cujas cordas são feridas pelo arco constituem a primeira como as violas, as rabecas, os violancelos; na segunda estão aqueles que são vibrados por manivela arcos ou teclas; na terceira os de palheta, alaúdes, guitarras, lyras, harpas; na quarta os de teclado e cordas metaicas como espinretas, cravos e clavicordios.

Eles lá estão na sua fôrma antiga, evocando os seculos, os dedos que os tocaram, as alegrias e as tristezas que geraram, egualados os que foram dedilhados por princezas e grandes damas como os cravos e as harpas com os dos folguedos do povo, as violas, as guitarras e as sanfonas.

Na segunda secção estão os instrumentos de vento assim divididos:

Primeiro os com ou sem boquiha como flautas e



Charamela tenor
2—Oitavão seculo XVIII
3—Fagot seculo XIX
4—Oboe alemão seculo XVIII
5—cravo de penas com dois teclados e pinuras no tempo interior de Nicolam de Quoco 1690

flaegeolts; depois os de palheta oboés, fagotes, gaitas de foles e clarinetes, seguindo-se os de bocal trombetas, trombones, cornetas e ainda os de vento como são por exemplo os orgãos.

E' toda uma peçaria carateristica como a anterior atraindo bem os cuidados dos entendidos pelas suas fôrmas e alguns pela sua extrema raridade estando estes, todavia colocados n'uma secção especial.

Ha ainda os



instrumentos de percussão, tambores, pandeiros, triangulos e tudo isto ali se mostra com o ar instrutivo que parecem irradiar. Além d'estes instrumentos musicos ha como disse-mos, muitas outras cousas raras no museu admiravel que Alfredo Keil instalou nas folgas da sua vida d'artista apaixonado por tudo quanto é belo.

Uns amadores americanos visitaram ha dias o museu e admirados, ante algumas peças das mais curiosas, quizeram adquiril-o chegando a oferecer por ele vinte contos de réis. Imediatamente o Presidente da Republica visitou tambem esse belo canto d'arte e pensou em solicitar do governo que essas coisas tão cheias de interesse, de tradição e d'arte, sejam adquiridas para figurarem n'um museu do Estado em que teem o melhor lugar, o maior cabimento.

Seria necessario dividil-as conforme as especialidades e assim teriamos para as Janelas

Verdes algum mobiliario e leques, caixas de rapé, miniaturas; os instrumentos poderiam ficar anexos ao Conservatorio, para onde iriam os que estão atualmente no museu d'artilharia, formando uma coleção como a do *Museu du Conservatoire National de Musique*, de Paris.



1—Lira de gamba do seculo XVIII 2—Quinterna 3—Lira de gamba seculo XVIII
4—Pequeno órgão portatil seculo XVI 5—Viola de bordões de Norbert Bedler 1715

O Reconhecimento oficial da Republica
A ENTREGA DAS CREDENCIAES DO MINISTRO DA BELGICA



O ministro da Belgica
sr. Legbart
com o chefe do protocolo
sr. Batalha de Freitas
à saída do palacio de Belem
(Cliché de Benoit)

O ministro da Belgica entregou as suas credenciaes ao chefe do Estado, em Belem, no dia 13 de dezembro, sendo recebido com o cerimonial costumado e tendo ido para o palacio com uma guarda de honra de cavalaria 4.

A EXPOSIÇÃO DE ANTONIO CARNEIRO NO SALÃO DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

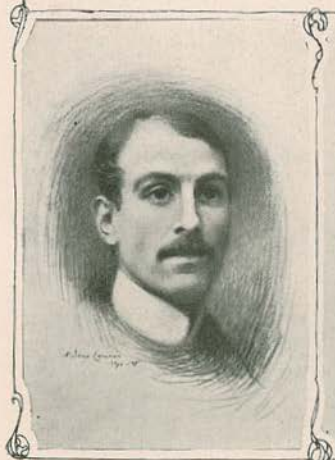
devoção, nem pela religiosidade dos seus assuntos, mas—oposto a pagão—no sentido supersticioso de alguém que, no claro segredo da vida, desvendado a cada passo em mil aspetos, só vê misterio, incerteza, nebulosidade.

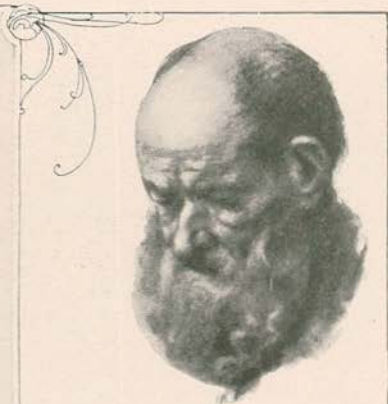
Não lhe peçam, por isso, hinos arrebatados á alegria gloriosa de viver, não perguntem á sua arte pela realidade, não busquem, na mais apaixonada das suas obras, uma sombra ainda que leve, resquicio por



- 1—Antonio Carneiro (auto-retrato)
2—Camilo Castelo Branco
3—Antonio Nobre 4—Antero do Quental
5—Rafael Bordalo Pinheiro

Dentro da sua arte, arte purissima de nobreza e de ideal, que ele venera e trata como a uma sua entranhadissima crença, Antonio Carneiro é um místico, e místico não no vulgar sentido frouxo de fanatismo ou





1—Sorriso 2—Estudo para a «Cela»
3—Estudo para a «Cela»
4—Risos

vivíssima, que muito promete, Antonio Carneiro é, na sua arte, um sacerdote para quem essa arte nunca deve, nem poderá, deixar de ser como hostia imaculada, tirada de um puro tabernaculo d'oiro por umas purificadas mãos que e elevem, sagrada, até á purez



1911 IX

fugaz que seja, o vislumbre mais minimo de sensualidade, mesmo d'esse candor enlevado, em que a carne do artista comunga com a sua alma, como a madeira de um arco comunga com um violino, n'um arpejo harmonioso, n'uma vibração unisona, que fortalece e dilata em sensação uma idéa.

Com a sua calva derramada de apostolo de portal, dorido das intemperies, com os seus dulcissimos olhos, fundos como um alto-mar, e as suas já grisalhasntes barbas de patriarca de uma prole



Antonio Carneiro
1919 IX



1—Carlos e Maria
2 e 3—Retratos de Carlos, filho do pintor
4—Galopada, estudo para o teto
da sala de leitura da Bolsa do Porto

doirada de um raio de sol abençoante.

Para alguns artistas, a arte é, despreocupada, entusiasticamente, uma amante, que satisfeitamente se atrevem a beijar em publico na mais vitoriosa das expansões. E' a arte, para outros, uma noiva melindrosa, que temem desgostar ou profanar ao soerguer-lhe publicamente o seu castissimo véo.

Para Antonio Carneiro, escusado será dizer, ela representa enternecidamente essa noiva estremecida e reverenciada. A sua musa chama-se vestal, ainda nas suas carrieescas maternidades mais fecundas.

Não a olha nem se atreve a abraçal-a com o ardor forte dos raros pagãos que sobrevivem



á tona da terra. Fita-a contemplativamente, sem repouso, com o fervor receoso e o arroubo tímido do seu misticismo, já que, para elle, ser artista é, como para poucos, viver em graça.

Definindo-o d'esse modo como um místico, eu teria resumido em duas palavras a individualidade artistica, deveras salientavel, de Antonio Carneiro, só com acrescentar que, n'estes vistosos e calaceiros tempos de «efeituosismo» e «mão d'obra», ele é um sincero, um amecanico, a quem, não lhe reservando, aliás, nenhuns segredos, a tecnica não seduz, enfada, enerva a tal ponto, que, sempre que adrega ensejo, a vela, disfarça, atemua ou espiritualisa o mais possível, indo até ao



extremo verdadeiramente bizarro de quasi a dispensar em alguns dos seus ultimos trabalhos, de que ha muitos exemplares na exposiçao tão brilhante da *Ilustração Portuguesa*, e a que duviddo se se poderá legitimamente chamar pin-



1 — Alexandre Her-
culano
2 — Eça de Queiroz
3 — Claudio

tura, sem, no emtanto, descortinar termo que logre sugerir aproximadamente a vagueza infinita das suas tintas e a sumariadade eschematica do seu processo, limitado, a bem dizer, a uma topica indicação, que parecerá, a leigos, desleixo, impoder ou impericia, mas denuncia a iniciados, sem equivo-co, um dominio notavel do mister e uma intuição apuradissima do colorido.

Pintar, na mais comesinha das definições, é representar com tintas seres, coisas, horisontes ou expressões. Quando o divino Leonardo se propõe dar vida a esse sorriso depois immortal da sua Gioconda — para a qual se houve, infelizmente, de inventar os ladrões da immortalidade — applica-se a pintar a bôca maravilhosa, em que tal joia residia, talvez já com um pouco do sonho que os beijos do tempo mais tarde requintaram n'esses labios doloridos, mas, sem duvida, com a maior das exatidões, guiado por essa poderosissima faculdade de synthese, que é a pedra de toque dos grandes retratistas, entre os quaes Portugal conta atualmente um dos maiores, Columbano.

A imorredoura bôca, de que o futuro extasiado havia de esperar ouvir a terrivel revelação da «esfinge sem segredo» de Wilde, era, para Leonardo de Vinci, o maximo limite do seu poder illimitado.

O sorriso da Gioconda, tal qual nós o

entendemos, foi obra de literatura e de poesia. Pois bem, tenho a certeza de que se Antonio Carneiro viesse um dia a topar com Mona Lisa de Gherardini, erguendo a Apolo o seu mais fervido louvor por tão bela a haver creado e tão generosamente lh'a ter deparado, se deitaria, desde que nos labios misteriosos lhe descobrisse a misteriosa ondulação, não a copiar na tela e no papel a bôca onde o sorriso precioso se guardava, mas, abstrahindo do engaste, a tentar prender, reproduzir, exprimir o proprio sorriso em si, o sorriso como fôrma e não como expressão.

Sem cair no convencionalismo dos denominados «sinbolistas», nem no maneirismo facil de certos alegoristas arrevezados, Antonio Carneiro esquece na verdade, de onde a onde, um tudo-nada as virtuaes possibilidades da sua arte, empenhando-se em «dizer» com tintas coisas que, não sendo ima-

gens, nem fôrmas, careciam de um meio de expressão menos concretisante, mas mais eficaz que a pintura.

Vejam, para exemplo, a ardua, extranhissima tarefa que ele se impoz com as suas marinhas absolutamente especiaes; a ingenuidade de quando em quando inédita, das suas vagas; o esforço



imaginativo de alguns dos seus coloridos apontamentos, em que se sente, desvanecida a primeira surpresa, que o pintor não quiz pintar nem a onda, nem a espuma, nem a areia, nem o céu, nem o mar, nem um quadro afinal, mas simplesmente uma certa hora passageira, um efemero momento de luz e de cor— que se não tornariam a repetir!

N'esses trechos, nem todos inteiramente bem sucedidos, mas todos sempre extraordinariamente sugestivos, nunca banaes, é realmente como anotador do fugidio, do errante, do incorporeo, que Antonio Carneiro melhor se manifesta.

Segundo a estafadissima frase de Amiel, a paizagem seria um estado d'alma, o que equivale a dizer uma interpretação.

Com Antonio Carneiro, pintor *sui generis*, que, bem no fundo, é essencialmente um poeta a manejar pinceis, os estados da sua alma volvem-se em paizagens, desaparecendo a interpretação de Amiel, para dar lugar á meditação — e meditações será talvez o mais flagrante qualificativo a empregar para os trabalhos a que aludi.

Em certas d'essas suas vi-



1—Estudo para o quadro da Ceia
2—Retrato da Maria
3—Casas velhas (Amarante)



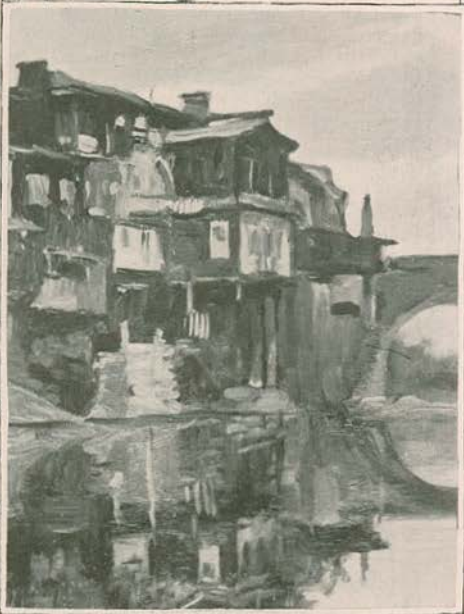
giosa do Rodin que ele tanto admira, podia vir a tornar-se n'um dos mais espantosos e originaes artistas modernos.

Sendo, porém, no seu sonho fervoroso, um dispersivo, que o as-



sões — e ultimamente essa sua curiosa feição de visionario parece mais acentuada— Antonio Carneiro foge em demasia para a pintura de abstrações. Bastará citar alguns titulos da sua galleria: *Snuividade, Plenitude, Começo do silencio, Brancura, Contemplação*, etc.

Se, além do sonhador incorrigivel, que toda a sua obra documenta, Antonio Carneiro fosse um creador de syntheses, um elaborador de simbolos da força prod-





1—Boa Nova (Leça)
2—Elvirinha

peto momentaneo seduz manifestamente, de desejar será que ele venha a dominar-se contra a magia de alguns temas que o escravizam.

Como prova soberba de constancia, fertilidade e probidade artisticas, conhecido poucos casos tão edificantes como o que, n'esta sua notabilissima exposição d'agora, Antonio Carneiro nos fornece com a série numerosissima dos seus aspectos impressionistas de Leça. Apontamentos, notas, rascunhos, no geral rapidissimos, em que ele, com summa dextreza, consegue impôr ao oleo, sempre mais lento e rebelde, a tecnica, por vezes vertiginosa, da aguarela, chegando n'um que outro, a encontrar verdadeiros achados de tom e de luz, como n'esses dois deliciosos gemeos: *Agua Crespa* e *Plenitude*, constituem esses



3—Matosinhos (aspecto)

quadros como que um delicioso diario do pintor no seu verão de á beira do mar. Apeteceria, porém, saber que d'esse diario de tão insinuantes paginas ele pensasse em fazer um livro, em construir com todos esses estudos um quadro definitivo, no que, namorado do efemero, Antonio Carneiro não cuida. Tendo assim de valer não como estudos, mas como obras, precisaríamos, para os classificarmos, de buscar na terminologia musical de Whistler algumas denominações—o proprio pintor chamou a um d'elles *noturno*—ou de os intitularmos «caprichos», se acaso a aceção tragica e caricatural, que Goya genialmente imprimiu á palavra, não tornasse arriscado utilisal-a para coisas de tão outro alcance e de tão oposta suavidade.

A série d'essas caprichosas marinhas, entre as quaes algumas re-



vestem uma inultrapassável docura, constitue, desdobrada em 43 numeros do catalogo, a parte mais insistente d'esta exposição, pelo que á pintura respeita. Os restantes «oleos» são retratos, e d'elles haveria, com prazer, muito a escrever, se isso nos não levasse tão longe.

A comparação edificante dos tres retratos do artista, pintado o primeiro em 1901, o segundo em 1908 e em 1911 o terceiro, dar-nos-ia pretexto de sobra para o estudo da evolução do seu processo e da sua côr. Qualquer d'elles é por si uma bela obra. Dir-se-ia mesmo que Antonio Carneiro — sendo muito mais um introspectivo que um observador — não logra facilmente alcançar, ao retratar outrem, o mesmo vigor e o mesmo á vontade que patenteia ao pintar-se a si proprio — o que não quer dizer que o retrato de Junqueiro, algo columbanesco, se não destaque, como se destacam o encantador



1—A chegada do pescado a Matosinhos
2—Retrato de minha mulher
3—Maria

retrato da Tia Juliana, os dois da Maria, muito francez o do gato e um tanto ingrato de côr o segundo, o delicadissimo retrato da esposa do artista, e outro, muito firme, de seu cunhado João Queiroz.
Falando de retratos,





ção, o primeiro desenhista portuguez, e eu conheço poucas coisas tão formosas como o seu retrato de D. Helena de Aboim Lopes Vieira, dado com todo o relevo de um «camafeu» precioso, ou o de D. Clotilde Rafaela Ramos, filha, já morta, de João de Deus, que é de uma firmeza suprema, como supremos são muitos outros seus desenhos, dos quaes, porque o tiranico espaço está gaudido, procurarei ocupar-me algures com mais de-tenção, limitando-me por agora a citar os titulos de alguns que mal pareceria deixar, pelo menos, sem apontar, e são: *O Tambor, Maternidade, Estudo da Maria, Sonho, Esfin-ge*, os notabilissimos cartões d'A Ceia, d'O *Batismo*, os esboços de decoração para o teto da Bolsa do Porto, e as carinhosas illustrações feitas so-

- 1—Retrato de Claudio
- 2—Guerra Junqueiro
- 3—Maria da Graça
(Clichés de Benoliet)

abordámos o dominio mais interessante de Antonio Carneiro pintor, e esse outro dominio absolutamente superior das suas sanguineas, dos seus carvões e dos seus lapis. Antonio Carneiro é, sem possivel contesta-



bre poesias de João de Deus, etc., que fazem d'esta exposição um artistico acontecimento de primeira grandeza.

Manoel
de Sousa
Pinto.



◦ O RECONHECIMENTO OFFICIAL DA REPUBLICA ◦
◦ O SR. MINISTRO DA HOLLANDA ENTREGA AS SUAS CREDENCIAES ◦



A' saída do palácio de Belem:
O ministro da Holanda com o chefe do protocolo
sr. Batalha de Freitas

(Cliché de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

Gabriel Pereira.—Faleceu em 16 de dezembro o inspector das bibliotecas e arquivos Gabriel Pereira, que foi não só um grande bibliofilo mas um sabio arqueologo e um erudito. Os seus trabalhos



O sr. Gabriel Pereira, inspector geral das bibliotecas e arquivos, falecido no dia 15 de dezembro

cional é insubstituivel, tantos eram os conhecimentos da especialidade que Gabriel Pereira possuia.

atestam bem todo o valor do homem que só ao estudo se dedicou e que passou uma vida inteira analisando pergaminhos e inscrições tumulares. Deixou trabalhos de investigação como a *Coleção dos Documentos d'Évora*, uma obra erudita sobre os arrabaldes de Lisboa, além das comunicações de grande alcance feitas ás academias estrangeiras e inseridas no boletim da Sociedade dos Arqueologos Portuguezes. O seu logar na Biblioteca Nacional



O regresso ao Rio de Janeiro do dr. Oswaldo Cruz, o extintor da febre amarella no Brazil

O dr. Oswaldo Cruz é hoje um dos grandes medicos da America do Sul. Os seus trabalhos para a extincção da febre amarella, coroados de tão bello exito, são para o illustre medico brasileiro um verdadeiro apostolado. Dedicando-se d'alma e coração a essa missão d'um enorme alcance científico, firmou uma reputação merecida, pois pôde dizer-se ter sido ele quem debelou a sua patria do terrivel flagelo.



O enterro do sr. Barão de S. Pedro

(Clichés de Benollel)



1—A nova sucursal do 'Seculo' nos Anjos
2—A nova sucursal do 'Seculo' no Alto do Pina

As novas sucursaes do 'Seculo.'—A expansão do grande jornal continúa diariamente. As suas sucursaes são como uma rede por toda a cidade, prestando os maiores serviços ao publico. São já dezasete com as duas inauguradas em 16 de dezembro no Alto do Pina e nos Anjos, ficando respectivamente nos estabelecimentos do sr. Germano de Sousa, farmaceutico na rua 4 d'Agosto e na merceria *A Universal*. Como em todas as outras sucursaes serão afixadas as noticias em placards, recebendo-se anuncios e comunicações.

O barão de S. Pedro foi um funcionario exemplarissimo do ministerio dos negocios estrangeiros, onde, durante muitos anos, exercceu o cargo de chefe de gabinete.

Antigo diplomata, tendo feito uma brilhante carreira, muito serviu o seu grande zelo e a sua experiencia no cargo que superiormente desempenhava. Faleceu em 14 de dezembro, sendo o seu funeral uma grande demonstração de apreço em que era tido eda saudade que deixou.



A visita do sr. ministro de Italia aos armazens da União dos Viticultores, em Braço de Prata

A visita do ministro d'Italia aos armazens da União dos Viticultores.—O sr. ministro da Italia, marquez Pauluci di Calboli, com alguns membros da colonia italiana, visitou em 17 de dezembro, os armazens da União dos Viticultores, em Braço de Prata, e tambem os do lado do mar, em cujo corpo central ha vinte e dois depositos para 92:000 litros, além de quatro de 130:000 litros. Aquelas instalações modelares agradaram muito ao ilustre diplomata, que teceu os maiores elogios á União dos Viticultores.

A exposição pedagogica da Escola-Oficina.—E' um encanto aquella escola; um vago ensaio de ensino racional que tem dado otimos resultados. As creanças, em vez de se sentirem oprimidas, veem-se livres. Seguem a sua tendencia e aproveitam d'uma maneira maravilhosa as lições; frequen-



1—O corpo docente e os alunos 2—Um dos aspectos da exposição—(Clíchés de Benoitel)



A exposição Pedagogica da Escola Oficina n.º 1, na Graça 1—O corpo docente e os alunos 2—Um dos aspectos da exposição—(Clíchés de Benoitel)

tam com atenção apurada os officios e assim, pelo aproveitamento d'elas e pelo cuidado dos mestres, se conseguiu aquella exposição deveras interessante, inaugurada em 17 de dezembro.



A inauguração da rua Julio Bruno Pereira, em Sacavem 1—O sr. presidente do municipio na cerimonia da inauguração 2—Um aspecto da festa 3—Os bombeiros no cortejo (Clíchés de Benoitel)

Sacavem, a pitoresca vila do arrabalde, quiz glorificar um dos seus filhos que prestou ali inumeros serviços como chefe de bombeiros, o sr. Julio Bruno Pereira, e conseguiu que fosse dado o nome do prestimoso cidadão á antiga rua da Fonte, o que se fez com uma festa popular em que tomaram parte todas as coletividades do logar, autoridades militares e clubs, e associações. Muita gente de Lisboa foi tambem á localidade assistir á consagração que a vila agradecida fazia a um dos seus benemeritos.

O sr. Anselmo Braamicamp Freire, presidente do Senado e da Camara Municipal de Lisboa, que é tambem um grande proprietario em Sacavem, onde residiu muito tempo, foi convidado a descerrar a lapide onde está escrito o nome de Julio Bruno Pereira, o que fez por entre as aclamações festivas da assistencia.

Quando o ilustre democrata retirou, a multidão acompanhou-o respeitosa e m'um agradecimento por aquele ato.

O RECONHECIMENTO OFICIAL DA REPUBLICA

O REPRESENTANTE DA
SUÉCIA ENTREGA AS
SUAS CREDENCIAES



O ministro da Suecia á saída do palacio de Belem

(Cliché de Benoliel)

O TRIBUNAL DOS CONSPIRADORES



1—O réu Ventura Ribeiro Ramalho

2—Aspecto da audiência
3—Dr. Eduardo Gorjão, advogado de defesa do réu Ventura Ramalho

Mais dois acusados compareceram diante do tribunal das Trinas. O primeiro João Carneiro, era

gado replicou com o passado revolucionario do seu constituinte que em virtude das suas idéas, até era conhecido, quando militar, por Afonso Costa.

O jurí deu como provadas ácerca do réu João Carneiro, a parte relativa ao aliciamento sem intenção criminosa e o crime de rebelião, com a mesma atenuante, em relação ao outro sendo por isso condenados respectivamente em 20 mezes de prisão correcional e 20 de multa a 2000 réis por dia e 10 mezes de prisão e outros tantos de multa na mesma quantia diariamente.



1—Os réus João Carneiro e Vitor Manuel da Silva

2—Os advogados dos réus, drs. Alvaro Teixeira e Mario Monteiro

(Clichés de Bânolet)

defendido pelo sr. dr. Mario Monteiro, o segundo, Vitor Manuel da Silva, pelo sr. dr. Alvaro Teixeira, tendo como acusador o sr. dr. Mourisca Junior e sendo presidente do tribunal o juiz sr. dr. Pereira da Mota.

Ambos eram acusados de andarem aliciando gente para as hostes de Paiva Couceiro assim como um seu companheiro chamado Antonio Sergio que faleceu no Limoeiro exatamente no dia do anniversario da Republica.

Afirmou o advogado do primeiro que o seu constituinte era vitima d'uma vingança, pois em vez de conspirar até prestara serviços ao partido republicano.

A'cerca do segundo houve uma testemunha que afirmou tel-o o réu convidado a seguir com ele para a Galiza ao que o advo-



a Mulher Argentina

LAS SEÑORAS AYERZA,
LA FAMILIA HERMOZA

A pretensão de Buenos-Aires de ser considerada a Paris da America não é só legitima pelo aparato cénico das suas avenidas magnificas, dos seus edificios suntuosos, dos seus jardins esplendidos. N'esse decorativo palco, que é a capital argentina, vive-se uma vida de luxo exasperado, alimentado por caudales de ouro. As grandes casas de modas de Paris lá teem quasi todas sucursaes. Não ha uma industria de luxo na Europa que em Buenos-Aires não frutifique. As tardes da Avenida de Maio, quando as carruagens e os automoveis das grandes familias dos *ganaderos*, dos financeiros e dos industriaes levam ás casas de chá e aos estabelecimentos da moda as lindas argentinas, constituem um espectáculo que rivalisa em animação e movimento com o dos *boulevards* parisienses. Essa febre da ostentação de que sofrem todas as grandes e prosperas capitaes, encontra em Buenos-Aires uma raça onde singularmente se expande. No convivio da prosperidade e da fortuna, o carater hespanhol produziu na Argentina uma civilização requintada; e ainda não ha muito um escritor francez attribuia á influencia da beleza feminina essa exhibição aparatosa de galas de que se reveste a formosissima capital da grande republica sul-americana. Sem duvida a Argentina cabe bem o titulo honorifico de parisiense da America. Mas ao *charme*



Madame Matilde Ayerza Frias

e á distincção da parisiense, á sua dextra ciencia da *toilette*, á sua vivacidade natural, a Argentina junta ainda a beleza.

No regresso da sua viagem a Buenos-Aires, Clemenceau chamava-lhe «*la ville aux belles femmes*». A cidade das mulheres formosas! E a um jornalista italiano, que perguntava ao presidente Alcorta como fora pos-



1—Mademoiselle Suzana Ayerza
2—Madame Ayerza de Agote

sivel crear uma tão magnífica cidade, aquele, galantemente, respondia: «As nossas mulheres quizeram-na assim.»

Na Argentina, a mulher bela não é uma exceção. Por isso mesmo ela é onipotente. As formosas são uma maioria; e a série de retratos da família Ayerza que a *Ilustração Portuguesa* hoje publica, documenta um dos aspetos mais interessantes d'essa qualidade da raça.

Ha em Buenos-Aires verdadeiras dinastias de beleza, famílias onde a formosura feminina é um dom hereditario. A família Ayerza é uma d'elas.



1—Madame Cecilia Ayerza Achaval Rodrigues
2—Madame Maria Ayerza

A FESTA DA ARVORE DO LICEU CAMÕES



- 1—O sr. dr. Bernardino Machado presidindo a sessão solene do Liceu Camões
- 2—As crianças ladeando o local onde se plantaram as arvores
- 3—Aspecto do salão do Liceu onde se realizou a sessão solene

No liceu Camões, realizou-se em 17 de dezembro a festa da arvore a que presidiu o sr. dr. Bernardino Machado. Alunos de varias escolas tomaram tambem parte n'essa so-



lenidade em que os oradores falaram mais á razão do que ao sentimento dos estudantes, n'uma grande manifestação de critério moderno.

O sr. Miranda do Vale falou da arvore ao nascer como da utilidade e da beleza, evocando as arvores da liberdade que o sangue do povo regou. O sr. Ladislau Picarra historia esse grande culto da arvore atravez das edades e, por fim, o sr. Bernardino



- 1—Um trecho da assistencia escolar á sessão solemne
- 2— Durante a plantação das arvores
- 3—Outro aspecto das creanças das escolas na cerimonia
- 4—A assistencia durante a plantação das arvores (Cliches de Benoitel)

que era d'um lindo effeito com toda essa multidão infantil, alegre e saltitante.

O culto da arvore que começou ha anos entre nós, onde tanto desrespeito se tinha por ella desenvolve-se como se vê, tendo-se conseguido que a creança seja a sua amiga dileta e dando-se exemplos como n'uma freguezia rural dos arredores onde todo o pequenito apanhado a fazer mal ás arvores e aos ninhos é julgado n'um tribunal composto pelos seus camaradas, n'uma afronta, n'uma vergonha, n'um grande castigo.



Machado diz que ella é o simbolo da Patria e da Republica, porque tem fortes raizes no passado e ergue os seus ramos para o ceu.

Os pequenos das diversas escolas cantaram os seus hinos na vasta sala de ginastica do liceu,



Natal dos Pequenin@s

O milagre que todos os pequenitos esperam na noite de Natal, os brinquedos colocados na sua chaminé e que a lenda quer que sejam oferecidos por Jesus ás creanças de todo o mundo, já não engana os bebés. A maioria fica d'olhos abertos, espreitando a chegada do deus menino, e vendo as sombras dos parentes a oferecerem-lhes os brinquedos, é com um sorriso ironico nos seus labiosinhos tenros que os escutam, namorando os legendarios presentes trazidos do ceu.

Aconteceu, porém, o ano passado que um vivo garotete adormeceu e não pode jurar terem sido da mãe e dos irmãos mais velhos, os automoveis, os



Clichés de Benollet

palhaços, os cães que tocam musica, aparecidos dentro dos seus sapatos, e, então, embaraçado diante dos outros que narravam como lhes tinham trazido os brinquedos durante a noite, ele, malevollo, recusando já acreditar no sobrenatural, decidiu:

—Póde muito bem ser que um aviador, ao passar no ar, os deixasse cair pela chaminé.

APARTIDA DO "5 D'OUTUBRO" PARA A MADEIRA

Na Madeira rebentou uma grève dos trabalhadores do porto que impediam a carga e descarga dos navios causando enormes transtornos commerciaes. Atribuiu-se esse movimento a certas influencias locais que detestam o novo regimen e apro-



guerra 5 de outubro, comandado pelo official revolucionario sr. Fiel Stokler, conduzindo tambem uma força de soldados de artilharia, destacados do campo entrincheirado e que foram prestar

veitam todas os incidentes para lhe mostrarem a sua antipatia e causar-lhe embaracos.

Em virtude do alme feito em volta da situação, hoje resolvido em paz, partiu para o Funchal, em 14 de dezembro, o aviso de



otimos serviços no apaziguamento daquela efervescencia. Os paquetes puderam sair do porto em 18 de dezembro depois de providos e beneficiados.



- 1—O sr. Fiel Stokler comandante do aviso «5 d'outubro» com os seus officiaes na ponte de embarque
- 2—Na amurada do aviso: Os soldados d'artilharia
- 3—O aviso «5 d'outubro» em marcha
- 4—A officialdade do navio
- 5—Praças do destacamento d'artilharia (Clichés de Benolle)

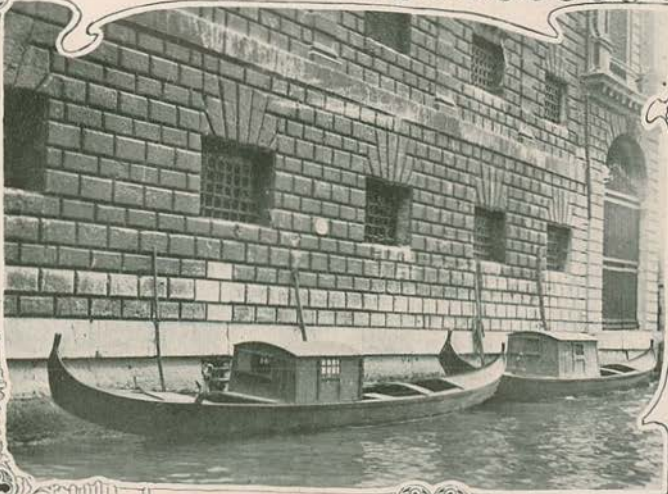
VENEZA ROMAN- TICA



Na luz azulada da manhã uma enfiada de gondolas cheias de musicas, de canticos, de pombas e de flôres passava no Canal Grande, perfis patricios destacavam: eram as lindas venezianas sonhadoras e lá adiante uma gondola maior com um toldo de purpura, que lembrava uma mancha de sangue, levava gondoleiros vestidos de ouro; a ré, sobre cochins bordados um homem com um grande manto cintilante e rico, enromeirado de arminhos, na cabeça uma especie de tiara resala magesto-



- 1—A gondola veneziana
2—A estação do caminho de ferro de Veneza
3—As gondolas celulares para transportes de presos



samente. Era o doge que ia casar com o Adriatico, atirar ás suas ondas azues, sob aquelle azulino céu, o anel precioso das bodas. Estava sagrado o doge; o mar n'um rumor vago balouçava as gondolas e as musicas cantavam

remos cantam com os amores de Francesca de Remini, as fomes d'Ugolino, prepassa docemente, n'uma nuvem pura a linda Beatriz.

A noite avança, decorre e o romantico aspecto de Venezia entenebrece. Depois da visão cintilante, as pa-



1—A ponte dos Suspiros entre o palacio dos doges e as prisões venezianas
2—A igreja de S. Marcos
3—A ponte Rialto

no espaço e as pombas brancas batiam as azas. Por entre as fileiras d'outras embarcações mais pobres, mas d'onde saiam mais ruidosas aclamações, a nau do doge passava. Depois seguia o patriciado, por fim o povoleu até que a noite, essa linda noite veneziana, caia e a lua namorava e beijava os rostos dos patricios. Jam dormir as pombas nos rendilhados das varandas do palacio dogal e nos corucheus e nichos da igreja de S. Marcos. Sob o olhar quieto dos santos de pedra as aves socejavam.

Acabava o dia romantico da aclamação; nas ruas e nas praças a multidão bailava e lá ao longe, nas sombras, perto da Guin-decca, gondolas de amorous passavam a par, noivando. Esta era a Veneza dos ritos e das tradições, a cidade aquatica cortada por canaes d'aguas rumorosas onde as fachadas artisticas das casas se miram e os balcões romanescos se desenhnam. Evoca todo um cortejo real, heraldico e festivo, sedas e veludos, mantos rocgantes, olhos nobres turbados d'amór, baladas de gondoleiros á noite, á agua,

á luz, á dogessa linda ou então versos de Dante saindo dos labios, plebeus falando d'amores e falando de penas. Na cadencia dos



ginas da tragedia não menos romanescas. Vultos embuçados saem do palacio dos doges; não se vêem os seus rostos, as pontas das espadas surgem na roda das capas largas. São os conselheiros vermelhos que n'aquella sala de moveis esculpidos, á luz forte das tochas, acabam de condenar. São os homens do Conselho dos Dez, os ditadores, os grandes. Não falam; não riem. Veneza dorme como as suas pombas; as aguas parecem adormecidas tambem. Mas dentro em pouco os vultos sumidos, uns para as bandas de Rialto outros sob a ponte dos Suspiros em barcos que parecem de sonho, outros aparecem cautelosos, como conjurados. Os conselheiros vermelhos condenaram; eles são os executores. No dia seguinte um nobre senhor appareceu apunhalado no seu leito; no fundo d'uma gondola, n'uma poça de sangue, está o lenço d'uma patricia; um lindo corpo retalhado a golpes foi apanhado, quando boiava para o canal grande; um velho veneravel caiu nos degraus do palacio dogal porque bebeu o veneno subtil escondido sob a pedra d'armas do seu anel. Ha



O grande canal

luto; ha odios. As familias, como as d'esses loucos amorosos de Veneza, Julieta e Romeu, estão divididas. Aquilo tudo foram sentenças que se executaram. Em todos os olhos se lê a desconfiança; na hora do dia passando em S. Marcos, atravessando os canaes suas semhórias os cavalheiros sorriem e saudam. E as pombas esvoaçam sempre; sempre o luar inunda Veneza, a formosa, a cidade da agua e da beleza, a terra dos palacios lindos e dos mais lindos nomes: Foscarei, S. Maria di Frari, Pisani; a terra das elegantes pontes que se chamam dos Suspiros e de Rialto. E' toda uma legenda d'amor e odio, de luar e treva, de pombas e de carceres a Veneza romantica e não se pôde falar d'ela sem a evocar assim. A historia de Marino Faliero contem toda a Veneza. E' um velho doge que ama loucamente uma senhora muito mais nova do que ele, enlaça-se por uma boda e a linda dogaressa é alvo de todas as paixões. Um dia aquele palacio formoso onde habita é invadido durante o seu sono por jovens patricios que Steno comanda e pelas salas, onde as figuras hieraticas resaem dos quadros, vão escrevendo palavras de desonra para ella, vão traçando epitetos infamantes. Não poupam a sua beleza, atiram

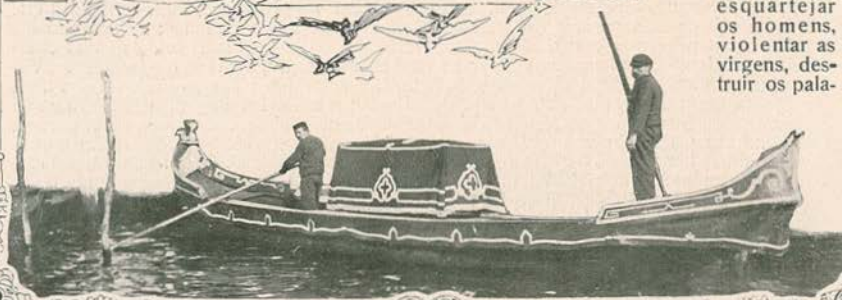
lama sobre a sua honra. As insignias ducaes, o grande barrete do cerimonial está ali á vista e então, n'um ultimo ultraje, os nobres acabam a sua obra infamante, juntando uma haste de touro a essa insignia do poder. Nas sombras da noite os conjurados somem-se. Então o velho doge grita a afronta feita, ergue-se um clamor, quer a vingança. Como não fôra antes da dignidade suprema mais do que um capitão de galeras e os outros eram os patricios, os filhos dos grandes, a tradição o Tribunal dos Quarenta absolve-os: só dá a Stena uns dias de prisão.

No fundo do coração do velho chefe brame a revolta e então, ele, ergue-se contra esse patriciado que



1—A rua de Veneza
2—Os pombos da praça
de S. Marcos
3—O feretro veneziano

dirige a Republica e pretende entregal-a ao povo. Pelas noites conjura com os revolucionarios, com os dirigentes da populaça. Ha um pedreiro, Calendario, que o ajuda, um patrão de gondola, Isarelo, que o acaudilha. No misterio da noite combinam o golpe de mão. O povo iria massacrar todas as familias patricias, esquarterar os homens, violentar as virgens, destruir os pala-





- 1—A colunada do palacio dos doges
- 2—O porto de Veneza diante do palacio dos Doges
- 3—Veneza ao luar

cios, arrastar nas ruas os audaciosos que tinham insulta-





do a dogressa. Mas a conjura é descoberta; o tribunal trabalha em segredo, os chefes presos e na varanda nobre do palacio ducal viram-se balouçar vinte cadaveres d'enforcados. A justiça punia. Entre eles estava o velho doge que no dia seguinte era decapitado. Não ficou uma folha do processo. Veneza illuminada de luar era apesar de essa luz bem dita, uma cidade de misterio. Correram os anos e uns dizem-no inocente, vitima d'odios politicos, outros culpados pela sua grande colera no rugir da afronta feita ao seu grande amor, á dogressa linda.

Está n'esta historia de Marino Faliero toda a Veneza. E' a paixão; é o amor; e o sangue, e o misterio. Veneza é isto. Nos

balcões rendilhados das suas janelas sonha-se a escada de corda e os beijos dos amantes nos seus carcereiros a morte que n'un ca se sabe saída da justiça ou da vingança. Correm suaves as aguas voam brandamente as pombas no ar azulino, e sobre o azul dos canaes

1—O passeio de gondola
2—Um cenário de teatro 3—A gondola-ônibus de um hotel de Veneza no caes da estação

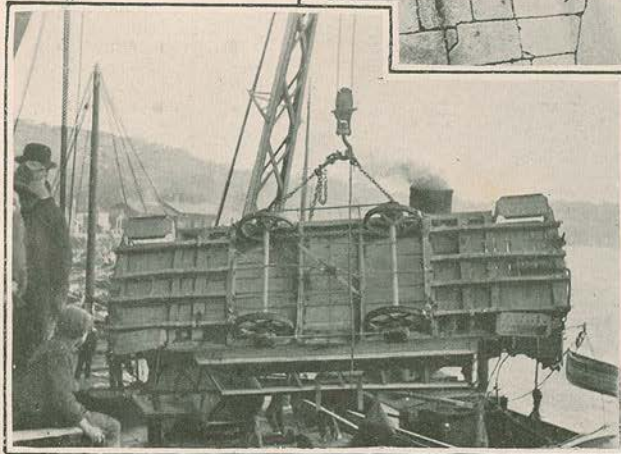
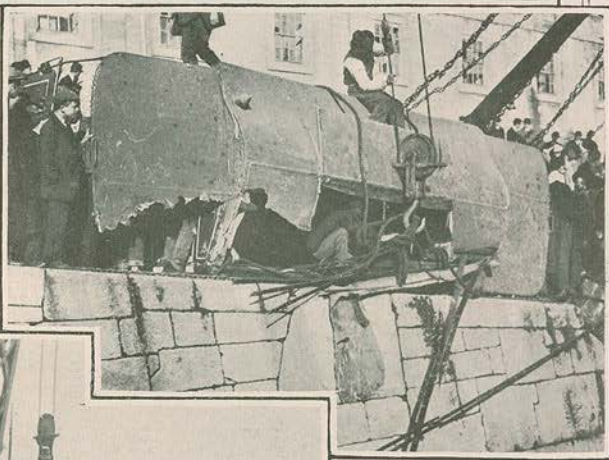




A CATASTROFE DO PORTO



Foi um quadro de horrores. O carro electrico n.º 203, com dois outros atrelados, largára de Leça em direção á praça da Liberdade, mas ao chegar a Massarelos, com um quarto d'hora de atrazo, foi substituido pelo n.º 150, que o guarda-freio Manuel Monteiro guiava. Ao chegar proximo de Monchique o americano descarri-



1—A multidão no local do desastre 2—O carro atrelado, tal como foi guindado para terra 3—Os trabalhos de levantamento d'um carro

lou e o sseu condutor, em vez de procurar travá-lo, atrapalhou-se e destravou, imprimindo-lhe uma velocidade maior. Aquilo foi uma galgada louca; o carro de diante e o que se lhe seguia precipitaram-se no rio,





fabrica de Massarelos, o subdito inglês sr. Wall, que, á sua parte, atirando-se á agua, salvou 15 dos desditosos.

Começou então, no meio da mais profunda comoção, o transporte dos mortos e dos feridos, assim como as pesquisas no lodo do rio, onde se julgava que estariam enterrados alguns cadáveres. Os mortos eram em numero de 14, sendo 31 os feridos. No Porto houve uma grande indignação contra a companhia, que não habilita o seu pessoal em harmonia com o trabalho que tem a fazer, pondo em risco, como agora, a vida dos passageiros. Uma nume-



1—No local da catastrophe:
Remoção do carro
atrelado para a remise
do Ouro

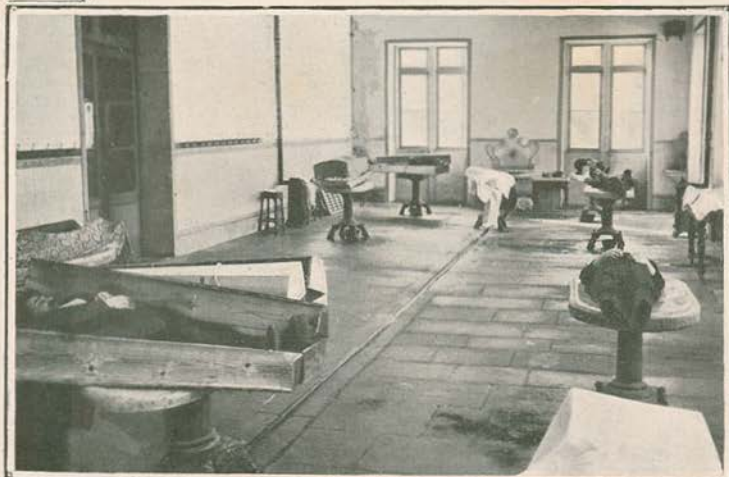
ao terceiro não succedeu o mesmo porque o seu condutor Antonio Sousa Ferreira, o travou rapidamente, partindo-lhe os engates. Os passageiros, soltando gritos lancinantes, confundiam-se dentro dos veículos caídos n'água; faziam esforços desesperados para se salvarem n'um terror louco, metidos dentro dos carros que se afundavam. Centenas de pessoas acor-

reram ansiosas de prestarem socorro aos infelizes e viram-se, entre outros grandes exemplos de dedicação, o proprietario da



2—O levantamento do carro motor

3—Os cadáveres na Morgue
(Clichê do Foto-Sport do Porto)



rosa comissão, composta por individuos altamente colocados, foi ao governo civil exigir que a Companhia dos Electricos dê um subsidio ás familias das victimas d'essa tremenda catastrophe que succedeu em 10 de dezembro, enchendo de desolação e envolvendo em luto a capital do norte.



○ passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame
BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria a quem pradio a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a \$4000 rs., \$2500 e \$3000 rs.

A Seda Suissa E A MELHOR

Peçam as amostras das
nossas novidades em preto
branco ou cor:

**Bluchesse, Voile, Setim fle-
xivai, Taffetas, Dräpe de Chi-
ne, Eolienne, Cötele, Mous-
seline,** largura 120 cm. a partir de
1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Pe-
luche** para vestidos, blusas etc. as-
sim como **blusas e vestidos bor-
dados** em batiste, lá, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-
das e solidas **directamente aos
freguezes e francas de porte a
diomicílio.**

Schweizer & Co
Lucerne E 12 (Suissa)

Exporização de sedas. Fornecedor da Corte Real

HERNIADO 30 ANNOS

Cura maravilhosa de um bem conhecido
lisbonense

Só em saber-se que existe a cura da hernia, e
uma grande fortuna.

Alguem gente julga que só um medico com
uma navalha e uma agulha poderá cerrar uma
hernia.



SR. EDUARDO ROSA

Porem a experiencia do Ill.^{mo} Sr. Eduardo
Rosa, morador em Lisboa, Rua da Magdalena,
31, (Typographia), herniado durante 30 annos,
anniquila por completo esta theoria. Ha um es-
pecialista em Londres que descobriu um mar-
vilhoso methodo de tratamento, que não só re-
tem qualquer especie de hernia, mas tambem
obriga os musculos a desenvolverem-se. O
Sr. Rosa sciente d'isto, immediatamente experi-
mentou. Os resultados foram admiraveis.

Apesar de herniado por 30 annos, o Sr. Eduardo
Rosa começou immediatamente a tratar-se e con-
seguiu uma perfeita e radical cura n'um dimi-
nuto espaço de tempo. Hoje encontra-se com-
pletamente restabelecido e sem o menor traço de
hernia.

O Sr. Rosa é um d'entre os milhares de curados
por este maravilhoso methodo, que é a des-
coberta do Dr. W. S. Rice, um dos mais afama-
dos especialistas do mundo. Dr. Rice acaba de
fazer a edição de um livro illustrado sobre este
assumpo, e o qual elle envia gratuitamente a
todos que o pedirem, para que não se julgue
que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este
methodo faz-se sem dor, perigo, operação ou ne-
cessidade de suspender o trabalho. É um me-
thodo que vale bem a pena investigar. Escre-
vam-lhe hoje mesmo, pedindo o livro gratuito,
que exprime claramente o methodo de cura,
e de todo o valor para os herniados, ou
para os que tem amigos herniados. Endere-
ço: — Dr. W. S. RICE (S. 825), 8 & 9, Stonecutter
Street, Londres, E. C., England.

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Stilli-Flore

Perfume d'uma
concentração até hoje
desconhecida.

Basta uma gotta
para se perfumar.

MODDO D'EMPREGO:

Desaparafusar a tampa
e exercer uma ligeira
pressão na extremidade
do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND

11, Place de la Madeleine
PARIS

14-15, Conduit Street, LONDON



Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de optimo effeito.

PREÇO 360 RÉIS

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicio respectivo.



ZEISS BINOCULOS

PARA
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA

Peçam-se prospectos T 89

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:

CARL ZEISS-JENA (Allemanha)

Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo
Paris—Vienna—S. Petersburgo
Londres — Milão

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Á VENDA

Almanach

do "Seculo"

PARA

1912

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Couzã), Valle Maior (Hilbergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de sei. milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização ..	266.400\$000
Réis..	050.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão

Fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**

ZINCOGRAVURA E PHOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobrado ou nickelado.

Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo — o de trichromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTYPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

RUA DO SEculo, 43—LISBOA

67644